

Poesias Inéditas

Fernando Pessoa Fonte: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpesso.html>

Poemas:

- A pálida luz da manhã de inverno
- A 'sperança, como um fósforo inda aceso
- A tua voz fala amorosa...
- Aqui está-se sossegado
- Aqui neste profundo apartamento
- Árvore verde
- As lentas nuvens fazem sono
- As nuvens são sombrias
- A tua carne calma
- Basta pensar em sentir
- Bem, hoje que estou só e, posso ver
- Bóiam farrapos de sombra
- Brincava a criança
- Cai chuva do céu cinzento
- Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa
- Caminho a teu lado mudo
- Cansado até dos deuses que não são
- Cansa ser, sentir dói, pensar destruir
- Canta onde nada existe
- Ceifeira
- Cheguei à janela
- Chove. Que fiz eu da vida?
- Clareia cinzenta a noite de chuva...
- Começa, no ar da antemanhã

- Como às vezes num dia azul e manso
- Como é por dentro outra pessoa
- Como nuvens pelo céu
- Como um vento na floresta
- Criança, era outro
- De aqui a pouco acaba o dia
- Deixa-me ouvir o que não ouço
- Deixei atrás os erros do que fui
- Deixem-me o sono! Sei que é já manhã
- Deixei de ser aquele que esperava
- Deixo ao cego e ao surdo
- Depois que o som da terra, que é não tê-lo
- Depois que todos foram
- Desfaze a mala feita pra a partida!
- Desperto sempre antes que raie o dia
- Deus não tem unidade
- Deve chamar-se tristeza
- Do fundo do fim do mundo
- Dói-me no coração
- Dói-me quem sou. E em meio da emoção
- Do meio da rua
- Dorme, criança, dorme
- Dormir! Não ter desejos nem esperanças
- Do seu longínquo reino cor-de-rosa
- Doze signos do céu o Sol percorre
- Durmo, cheio de nada, e amanhã
- Durmo. Regresso ou espero?

- E a extensa e vária natureza é triste
- É boa! Se fossem malmequeres
- E fala aos constelados céus
- Eh, como outrora era outra a que eu não tinha!
- É Inda Quente
- E ou jazigo haja
- É uma brisa leve
- E, ó vento vago
- Em outro mundo, onde a vontade é lei
- Em toda a noite o sono não veio
- Em Torno
- Em torno ao candeeiro desolado
- Enfia, a agulha
- Entre o luar e o arvoredado
- Entre o sossego e o arvoredado
- Epitáfio Desconhecido
- Era isso mesmo
- Eram varões todos
- É um campo verde e vasto
- Eu
- Eu amo tudo o que foi
- Eu me resigno. Há no alto da montanha
- Eu tenho idéias e razões
- Exígua lâmpada tranqüila
- Falhei. Os astros seguem seu caminho
- Fito-me frente a frente (I)
- Fito-me frente a frente (II)

- Flui, indeciso na bruma
- Glosa
- Glosas
- Gnomos do luar que faz selvas
- Gostara, realmente
- Gradual, desde que o calor
- Grande sol a entreter
- Há uma música do povo
- Há um frio e um vácuo no ar
- Já ouvi doze vezes dar a hora
- Ladram uns cães a distância
- Lá fora onde árvores São
- Leve rio cimo das ervas
- Mais triste do que o que acontece
- Mas eu, alheio sempre, sempre entrando
- Mas o hóspede convidado
- Minha alma sabe-me a antiga
- Minhas mesmas emoções
- Minha mulher, a solidão,
- Na noite que me desconhece
- Não digas nada!
- Não quero rosas, desde que haja rosas
- No Fim da chuva e do vento
- O abismo é o muro que tenho
- O Amor
- O céu de todos os invernos
- O meu coração quebrou-se

- O ruído vário da rua
- O som do relógio
- Outros terão
- Parece às vezes que desperta
- Parece que estou sossegando
- Pela rua já serena
- Poemas dos Dois Exílios
- Por quem foi que me trocaram?
- Qual é a tarde por achar
- Quanta mais alma ande no amplo informe
- Que suave é o ar! Como parece
- Relógio, morre
- Se alguém bater um dia à tua porta
- Se tudo o que há é mentira
- Sim, tudo é certo logo que o não seja.
- Sonhei, confuso, e o sono foi disperso
- Sossega, coração! Não desesperes!
- Sou o Espírito da treva
- Tenho esperança? Não tenho
- Tenho pena até... nem sei. . .
- Todas as cousas que há neste mundo
- Uma maior solidão
- ...Vaga História
- Vendaval
- Vou com um passo como de ir parar

A pálida luz da manhã de inverno

A pálida luz da manhã de inverno ,

O cais e a razão
Não dão mais 'sperança, nem menos 'sperança sequer ,
Ao meu coração .
O que tem que se r
Será, quer eu queira que seja ou que não .

No rumor do cais, no bulício do ri o
Na rua a acorda r
Não há mais sossego, nem menos sossego sequer ,
Para o meu 'sperar .
O que tem que não se r
Algures será, se o pensei; tudo mais é sonhar .

A 'sperança, como um fósforo inda aceso

A 'sperança, como um fósforo inda aceso ,
Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso .
A falha social do meu destin o
Reconheci, como um mendigo preso .

Cada dia me traz com que 'spera r
O que dia nenhum poderá dar .
Cada dia me cansa de Esperança .. .
Mas viver é sperar e se cansar .

O prometido nunca será dad o
Porque no prometer cumpriu-se o fado .
O que se espera, se a esperança e gosto ,
Gastou-se no esperá-lo, e está acabado .

Quanta ache vingança contra o fad o
Nem deu o verso que a dissesse, e o dad o
Rolou da mesa abaixo, oculta a conta .
Nem o buscou o jogador cansado .

A tua voz fala amorosa...

Qual é a tarde por acha r
Em que teremos todos razão
E respiraremos o bom a r
Da alameda sendo verão ,

Ou, sendo inverno, baste 'sta r
Ao pé do sossego ou do fogão ?
Qual é a tarde por voltar ?
Essa tarde houve, e agora não .

Qual é a mão caricios a
Que há de ser enfermeira minha —
Sem doenças minha vida ousa —

Oh, essa mão é morta e osso .. .
Só a lembrança me acarinh a
O coração com que não posso .

Aqui está-se sossegado

Aqui está-se sossegado ,
Longe do mundo e da vida ,
Cheio de não ter passado ,
Até o futuro se olvida .
Aqui está-se sossegado .

Tinha os gestos inocentes ,
Seus olhos riam no fundo .
Mas invisíveis serpente s
Faziam-a ser do mundo .
Tinha os gestos inocentes .

Aqui tudo é paz e mar .
Que longe a vista se perd e
Na solidão a torna r
Em sombra o azul que é verde !
Aqui tudo é paz e mar .

Sim, poderia ter sido.. .
Mas vontade nem razão
O mundo têm conduzid o
A prazer ou conclusão .
Sim, poderia ter sido.. .

Agora não esqueço e sonho .
Fecho os olhos, oiço o ma r
E de ouvi-lo bem, suponh o
Que veio azul a esverdear .
Agora não esqueço e sonho .

Não foi propósito, não .
Os seus gestos inocente s
Tocavam no coraçã o
Como invisíveis serpentes .
Não foi propósito, não .

Durmo, desperto e sozinho .
Que tem sido a minha vida ?
Velas de inútil moinho —
Um movimento sem lida.. .
Durmo, desperto e sozinho .

Nada explica nem consola .
Tudo está certo depois .

Mas a dor que nos desola ,
A mágoa de um não ser dois
Nada explica nem consola .

Aqui neste profundo apartamento

Aqui neste profundo apartament o
Em que, não por lugar, mas mente estou ,
No claustro de ser eu, neste moment o
Em que me encontro e sinto-me o que vou ,

Aqui, agora, rememor o
Quanto de mim deixar de se r
E, inutilmente, [...] chor o
O que sou e não pude ter .

Árvore verde

Árvore verde ,
Meu pensament o
Em ti se perde .
Ver é dormi r
Neste momento .

Que bom não se r
'Stando acordado !
Também em mim enverdece r
Em folhas dado !

Tremulament e
Sentir no corp o
Brisa na alma !
Não ser quem sente ,
Mas tem a calma .

Eu tinha um sonh o
Que me encantava .
Se a manhã vinha ,
Como eu a odiava !

Volvia a noite ,
E o sonho a mim .
Era o meu lar ,
Minha alma afim .

Depois perdi-o .
Lembro ? Quem dera !
Se eu nunca soube
O que ele era .

As lentas nuvens fazem sono

As lentas nuvens fazem sono ,
O céu azul faz bom dormir .
Bóio, num íntimo abandono ,
À tona de me não sentir .

E é suave, como um correr de água ,
O sentir que não sou alguém ,
Não sou capaz de peso ou mágoa .
Minha alma é aquilo que não tem .

Que bom, à margem do ribeiro

Saber que é ele que vai indo.. .
E só em sono eu vou primeiro .
E só em sonho eu vou seguindo .

As nuvens são sombrias

As nuvens são sombria s
Mas, nos lados do sul ,
Um bocado do cé u
É tristemente azul .

Assim, no pensamento ,
Sem haver solução ,
Há um bocado que lembr a
Que existe o coração .

E esse bocado é que é
A verdade que est á
A ser beleza etern a
Para além do que há .

Como uma voz de fonte que cessasse

Como uma voz de fonte que cessass e
(E uns para os outros nossos vãos olhare s
Se admiraram), p'ra além dos meus palmare s
De sonho, a voz que do meu tédio nasc e

Parou... Apareceu já sem disfarce
De música longínqua, asas nos ares ,
O mistério silente como os mares ,
Quando morreu o vento e a calma pasce.. .

A paisagem longínqua só exist e
Para haver nela um silêncio em descida
P'ra o mistério, silêncio a que a hora assiste.. .

E, perto ou longe, grande lago mudo ,
O mundo, o informe mundo onde há a vida.. .

E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo.. .

Basta Pensar em Sentir

Basta pensar em senti r
Para sentir em pensar .
Meu coração faz sorri r
Meu coração a chorar .
Depois de parar de andar ,
Depois de ficar e ir ,
Hei de ser quem vai chega r
Para ser quem quer partir .

Viver é não conseguir.

Bem, hoje que estou só e posso ver

Bem, hoje que estou só e posso ver Com o poder de ver do coração Quanto não sou, quanto não posso ser, Quanto se o for, serei em vão,

Hoje, vou confessar, quero sentir-me Definitivamente ser ninguém, E de mim mesmo, ativo, demitir-me Por não ter procedido bem.

Falhei a tudo, mas sem galhardias, Nada fui, nada ousei e nada fiz, Nem colhi nas urtigas dos meus dias A flor de parecer feliz.

Mas fica sempre, porque o pobre é rico Em qualquer cousa, se procurar bem, A grande indiferença com que fico. Escrevo-o para o lembrar bem.

Bóiam farrapos de sombra

Bóiam farrapos de sombr a
Em torno ao que não sei ser .
É todo um céu que se escombr a
Sem me o deixar entrever .

O mistério das altura s
Desfaz-se em ritmos sem form a
Nas desregradas negrura s
Com que o ar se treva torna .

Mas em tudo isto, que fa z
O universo um ser desfeito ,
Guardei, como a minha paz ,
A 'sp'rança, que a dor me traz ,
Apertada contra o peito .

Brincava a criança

Brincava a crianç a
Com um carro de bois .
Sentiu-se brincad o

E disse, eu sou dois !

Há um brincar
E há outro a saber ,
Um vê-me a brincar
E outro vê-me a ver .

Estou atrás de mim
Mas se volto a cabeça
Não era o que eu qu'ria
A volta só é essa.. .

O outro menino
Não tem pés nem mãos
Nem é pequenino
Não tem mãe ou irmãos .

E havia comigo
Por trás de onde eu estou ,
Mas se volto a cabeça
Já não sei o que sou .

E o tal que eu cá tenho
E sente comigo ,
Nem pai, nem padrinho ,
Nem corpo ou amigo ,

Tem alma cá dentro
'Stá a ver-me sem ver ,
E o carro de bois
Começa a parecer .

Cai chuva do céu cinzento

Cai chuva do céu cinzento Que não tem razão de ser. Até o meu pensamento Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza Acrescentada à que sinto. Quero dizer-ma mas pesa O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente Não sei se estou triste ou não, E a chuva cai levemente (Porque Verlaine consente) Dentro do meu coração.

Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa

Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa, Substitui o calor. P'ra ser feliz tanta coisa é precisa. Este luzir é melhor.

O que é a vida? O espaço é alguém pra mim. Sonhando sou eu só. A luzir, em quem não tem fim E, sem querer, tem dó.

Extensa, leve, inútil passageira, Ao roçar por mim traz Uma ilusão de sonho, em cuja esteira A

minha vida jaz.

Barco indelével pelo espaço da alma, Luz da candeia além Da eterna ausência da ansiada calma,
Final do inútil bem.

Que, se quer, e, se veio, se desconhece Que, se for, seria O tédio de o haver... E a chuva cresce
Na noite agora fria.

Caminho a teu lado mudo

Caminho a teu lado mud o
Sentes-me, vês-me alheado .. .
Perguntas: Sim... Não ... Não sei.. .
Tenho saudades de tudo.. .
Até, porque está passado ,
Do próprio mal que passei .

Sim, hoje é um dia feliz .
Será, não será, por cert o
Num princípio não sei qu e
Há um sentido que me di z
Que isto — o céu longe e nós pert o
É só a sombra do que é .. .

E lembro-me em meia-amargur a
Do passado, do distante, E tudo me é solidão .. .
Que fui nessa morte escura ?
Quem sou neste morto instante ?
Não perguntes ... Tudo é vão .

Cansado até os deuses que não são

Cansado até os deuses que não são... Ideais, sonhos... Como o sol é real E na objetiva coisa
universal

Não há o meu coração.. .
Eu ergo a mão .

Olho-a de mis, e o que ela é não sou eu. Entre mim e o que sou há a escuridão. Mas o que são isto
a terra e o céu ?

Houvesse ao menos, visto que a verdadeÉ falsa, qualquer coisa verdadeira De outra maneira Que
a impossível certeza ou realidade.

Houvesse ao menos, som o sol do mundo, Qualquer postiga realidade não O eterno abismo sem
fundo, Crível talvez, mas tenho coração.

Mas não há nada, salvo tudo sem mim .
Crível por fora da razão, mas se m
Que a razão acordasse e visse bem ;
Real com o coração, inda que [...]

Cansa ser, sentir dói, pensar destruir.

Cansa ser, sentir dói, pensar destruir .
Alheia a nós, em nós e fora ,
Rui a hora, e tudo nela rui .
Inutilmente a alma o chora .

De que serve ? O que é que tem que servir ?
Pálido esboço lev e
Do sol de inverno sobre meu leito a sorrir.. .
Vago sussuro breve .

Das pequenas vozes com que a manhã acorda ,
Da fútil promessa do dia ,
Morta ao nascer, na 'sperança longínqua e absurd a
Em que a alma se fia .

Canta Onde Nada Existe

Canta onde nada exist e
O rouxinol para seu bem (?) ,
Ouço-o, cismo, fico trist e
E a minha tristeza também (?))

Janela aberta, para ond e
Campos de não haver sã o
O onde a dríade se escond e
Sem ser imaginação .

Quem me dera que a poesi a
Fosse mais do que a escrever !
Canta agora a cotovi a
Sem se lembrar de viver.. .

Cefeira

Mas não, é abstrata, é uma av e
De som volteando no ar do ar ,
E a alma canta sem entrav e
Pois que o canto é que faz cantar .

Ceguei à janela

Ceguei à janela ,
Porque ouvi cantar .
É um cego e a guitarr a
Que estão a chorar .

Ambos fazem pena ,
São uma coisa s ó
Que anda pelo mund o

A fazer ter dó .

Eu também sou um cego
Cantando na estrada ,
A estrada é maior
E não peço nada .

Chove. Que fiz eu da vida ?

Chove. Que fiz eu da vida ?
Fiz o que ela fez de mim.. .
De pensada, mal vivida.. .
Triste de quem é assim !

Numa angústia sem remédio
Tenho febre na alma, e, ao ser ,
Tenho saudade, entre o tédio ,
Só do que nunca quis ter.. .

Quem eu pudera ter sido ,
Que é dele? Entre ódios pequenos
De mim, estou de mim partido .
Se ao menos chovesse menos !

Clareia cinzenta a noite de chuva

Clareia cinzenta a noite de chuva ,
Que o dia chegou .
E o dia parece um traje de viúva
Que já desbotou .

Ainda sem luz, salvo o claro do escuro ,
O céu chove aqui ,
E ainda é um além, ainda é um muro
Ausente de si .

Não sei que tarefa terei este dia ;
Que é inútil já sei.. .
E fito, de longe, minha alma, já fria
Do que não farei .

Começa, no ar da antemanhã

Começa, no ar da antemanhã ,
A haver o que vai ser o dia .
É uma sombra entre as sombras vã .
Mais tarde, quanto é a manhã
Agora é nada, noite fria .

É nada, mas é diferente Da sombra em que a noite está; E há nela já a nostalgia Não do passado,
mas do dia Que é afinal o que será.

Como às vezes num dia azul e manso

Como às vezes num dia azul e manso No vivo verde da planície calma Duma súbita nuvem o
avanço Palidamente as ervas escurece Assim agora em minha pávida alma Que súbito se evola e
arrefece A memória dos mortos aparece...

Como é por dentro outra pessoa

Como é por dentro outra pesso a
Quem é que o saberá sonhar ?
A alma de outrem é outro univers o
Como que não há comunicação possível ,
Com que não há verdadeiro entendimento .

Nada sabemos da alm a
Senão da nossa ;
As dos outros são olhares ,
São gestos, são palavras ,
Com a suposição de qualquer semelhanç a
No fundo .

Como nuvens pelo céu

Como nuvens pelo cé u
Passam por mim .
Nenhum dos sonhos é me u
Embora eu os sonhe assim .

São coisas no alto que sã o
Enquanto a vista as conhece ,
Depois são sombras que vã o
Pelo campo que arrefece .

Símbolos? Sonhos? Quem torn a
Meu coração ao que foi ?
Que dor de mim me transforma ?
Que coisa inútil me dói ?

Como um vento na floresta

Como um vento na floresta .
Minha emoção não tem fim .
Nada sou, nada me resta .
Não sei quem sou para mim .

E como entre os arvoredos
Há grandes sons de folhagem ,
Também agito segredos
No fundo da minha imagem .

E o grande ruído do vento

Que as folhas cobrem de so m
Despe-me do pensamento :
Sou ninguém, temo ser bom .

Criança, era outro...

Criança, era outro.. .
Naquele em que me torne i
Cresci e esqueci .
Tenho de meu, agora, um silêncio, uma lei .
Ganhei ou perdi ?

De aqui a pouco acaba o dia

De aqui a pouco acaba o dia .
Não fiz nada .
Também, que coisa é que faria ?
Fosse a que fosse, estava errada .

De aqui a pouco a noite vem .
Chega em vã o
Para quem como eu só te m
Para o contar o coração .

E após a noite e irmos dormi r
Torna o dia .
Nada farei senão sentir .
Também que coisa é que faria ?

Deixa-me ouvir o que não ouço...

Deixa-me ouvir o que não ouço.. .
Não é a brisa ou o arvoredo ;
É outra coisa intercalada.. .

É qualquer coisa que não poss o
Ouvir senão em segredo ,
E que talvez não seja nada.. .

Deixa-me ouvir... Não fales alto ! Um momento !... Depois o amor, Se quiseres... Agora cala !

Tênue, longínquo sobressalt o
Que substitui a dor ,
Que inquieta e embala.. .

O quê? Só a brisa entre a folhagem? Talvez... Só um canto pressentido? Não sei, mas custa amar
depois... Sim, torna a mim, e a paisagem

E a verdadeira brisa, ruído.. .
Vejo-me, somos dois.. .

Deixei atrás os erros do que fui

Deixei atrás os erros do que fui ,
Deixei atrás os erros do que quis
E que não pude haver porque a hora fluiu
E ninguém é exato nem feliz .

Tudo isso como o lixo da viagem
Deixei nas circunstâncias do caminho ,
No episódio que fui e na paragem ,
No desvio que foi cada vizinho .

Deixei tudo isso, como quem se tapa
Por viajar com uma capa sua ,
E a certa altura se desfaz da capa
E atira com a capa para a rua .

Deixem-me o sono ! Sei que é já manhã

Deixem-me o sono ! Sei que é já manhã .
Mas se tão tarde o sono veio ,
Quero, desperto, ainda sentir a vã
Sensação do seu vago enleio .

Quero, desperto, não me recusar
A estar dormindo ainda ,
E, entre a noção irreal de aqui estar ,
Ver essa noção finda .

Quero que me não neguem quem não sou
Nem que, debruçado e u
Da varanda por sobre onde não estou ,
Nem sequer veja o céu .

Deixei de ser aquele que esperava

Deixei de ser aquele que esperava ,
Isto é, deixei de ser quem nunca fui.. .
Entre onda e onda a onda não se cava ,
E tudo, em ser conjunto, dura e flui .

A seta treme, pois que, na ampla aljava ,
O presente ao futuro cria e inclui .
Se os mares erguem sua fúria brava
É que a futura paz seu rastro obstrui .

Tudo depende do que não existe .
Por isso meu ser mudo se converte
Na própria semelhança, austero e triste .

Nada me explica. Nada me pertence .
E sobre tudo a lua alheia verte
A luz que tudo dissipa e nada vence .

Deixo ao cego e ao surdo

Deixo ao cego e ao surdo A alma com fronteiras, Que eu quero sentir tudo De todas as maneiras.

Do alto de ter consciência Contemplo a terra e o céu, Olho-os com inocência : Nada que vejo é meu.

Mas vejo tão atento Tão neles me disperso Que cada pensamento Me torna já diverso.

E como são estilhaços Do ser, as coisas dispersas Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.

E se a própria alma vejo Com outro olhar, Pergunto se há ensejo De por isto a julgar.

Ah. tanto como a terra
E o mar e o vasto céu ,
Quem se crê próprio erra ,
Sou vário e não sou meu .

Se as coisas são estilhaços
Do saber do universo ,
Seja eu os meus pedaços ,
Impreciso e diverso .

Se quanto sinto é alheio
E de mim sou ausente ,
Como é que a alma veio
A acabar-se em ente ?

Assim eu me acomodo
Com o que Deus criou ,
Deus tem diverso modo
Diversos modos sou .

Assim a Deus imito ,
Que quando fez o que é
Tirou-lhe o infinito
E a unidade até .

Depois que o som da terra, que é não tê-lo

Depois que o som da terra, que é não tê-lo ,
Passou, nuvem obscura, sobre o vale
E uma brisa afastando meu cabelo
Me diz que fale, ou me diz que cale ,
A nova claridade veio, e o sol
Depois, ele mesmo , e tudo era verdade ,
Mas quem me deu sentir e a sua prole ?
Quem me vendeu nas hastas da vontade ?
Nada. Uma nova obliquação da luz ,
Interregno factício onde a erva esfria .

E o pensamento inútil se condu z
Até saber que nada vale ou pesa .
E não sei se isto me ensimesma ou alheia ,
Nem sei se é alegria ou se é tristeza .

Depois que todos foram

Depois que todos foram E foi também o dia, Ficaram entre as sombras Das áleas do ermo parque
Eu e minha agonia.

A festa fora alheia E depois que acabou Ficaram entre as sombras Das áleas apertadas Quem eu
fui e quem sou.

Tudo fora por todos. Brincaram, mas enfim Ficaram entre as sombras Das áleas apertadas Só eu,
e eu sem mim.

Talvez que no parque antigo A festa volte a ser. Ficaram entre as sombras Das áleas apertadas Eu
e quem sei não ser.

Desfaze a mala feita pra a partida !

Desfaze a mala feita pra a partida ! Chegaste a ousar a mala ? Que importa ? Desesperar ante a
inda Pois tudo a ti iguala.

Sempre serás o sonho de tim mesmo. Vives tentando ser, Papel rasgado de um intento, a esmo
Atirado ao descrer.

Como as correias cingem Tudo o que vais levar! Mas é só a mala e não a ida [?] Que há de
sempre ficar !

Desperto sempre antes que raie o dia

Desperto sempre antes que raie o di a
E escrevo com o sono que perdi .
Depois, neste torpor em que a alma é fria ,
Aguardo a aurora, que já quantas vi .

Fito-a sem atenção, cinzento verd e
Que se azula de galos a cantar .
Que mau é não dormir ? A gente perd e
O que a morte nos dá pra começar .

Oh Primavera quietada, aurora ,
Ensina ao meu torpor, em que a alma é fria ,
O que é que na alma lívida a color a
Com o que vai acontecer no dia .

Deus não tem unidade

Deus não tem unidade, Como a terei eu ?

Deve chamar-se tristeza

Deve chamar-se tristeza a
Isto que não sei que seja
Que me inquieta sem surpresa
Saudade que não deseja .

Sim, tristeza -mas aquela
Que nasce de conhecer
Que ao longe está uma estrela
E ao perto está não a Ter .

Seja o que for, é o que tenho .
Tudo mais é tudo só .
E eu deixo ir o pó que apanho
De entre as mãos ricas de pó .

Do fundo do fim do mundo

Do fundo do fim do mundo Vieram me perguntar Qual era o anseio fundo Que me fazia chorar.

E eu disse, "É esse que os poetas Têm tentado dizer Em obras sempre incompletas Em que
puseram seu ser.

È assim com um gesto nobre Respondi a a quem não sei Se me houve por rico ou pobre.

Dói-me no coração

Dói-me no coração Uma dor que me envergonha Quê ! Esta alma que sonha O âmbito todo do
mundo Sofre de amor e tortura Por tão pequena coisa... Uma mulher curiosa E o meu tédio
profundo ?

Dói-me quem sou. E em meio da emoção

Dói-me quem sou. E em meio da emoção
Ergue a fronte de torre um pensamento
É como se na imensa solidão
De uma alma a sós consigo, o coração
Tivesse cérebro e conhecimento .

Numa amargura artificial consisto ,
Fiel a qualquer idéia que não sei ,
Como um fingido cortesão me visto
Dos trajes majestosos em que existo
Para a presença artificial do rei .

Sim tudo é sonhar quanto sou e quero .
Tudo das mãos caídas se deixou .
Braços dispersos, desolado espero .
Mendigo pelo fim do desespero ,
Que quis pedir esmola e não ousou .

Do meio da rua

Do meio da rua
(Que é, aliás, o infinito)
Um pregão flutua ,
Música num grito.. .

Como se no braço
Me tocasse alguém
Viro-me num espaço
Que o espaço não tem .

Outrora em criança
O mesmo pregão.. .
Não lumbres... Descansa ,
Dorme, coração !.. .

Dorme, criança, dorme

Dorme, criança, dorme ,
Dorme que eu velarei ;
A vida é vaga e informe ,
O que não há é rei .
Dorme, criança, dorme ,
Que também dormirei .

Bem sei que há grandes sombras
Sobre áleas de esquecer ,
Que há passos sobre alfombras
De quem não quer viver ;
Mas deixa tudo às sombras ,
Vive de não querer .

Dormir! Não Ter desejos nem 'speranças

Dormir! Não Ter desejos nem 'speranças
Flutua branca a única nuvem lenta
E na azul quiescência sonolenta
A deusa do não-ser tece ambas as tranças .

Maligno sopro de árdua quietude
Perene a fronte e os olhos aquecidos ,
E uma floresta-sonho de ruídos
Ensombra os olhos mortos de virtude .

Ah, não ser nada conscientemente !
Prazer ou dor? Torpor o traz e alonga ,
E a sombra conivente se prolonga
No chão interior, que à vida mente .

Desconheço-me. Embrenha-me futuro ,
Nas veredas sombrias do que sonho .

E no ócio em que diverso me suponho ,
Vejo-me errante, demorado e obscuro .

Minha vida fecha-se como um leque .
Meu pensamento seca como um vag o
Ribeiro no verão . Regresso , e trag o
Nas mão flores que a vida prontas seque .

Incompreendida vontade absorta
Em nada querer... Prolixo afastament o
Do escrúpulo e da vida no momento.. .

Do seu longínquo reino cor-de-rosa

Do seu longínquo reino cor-de-rosa ,
Voando pela noite silenciosa ,
A fada das crianças vem, luzindo .
Papoulas a coroa, e , cobrindo
Seu corpo todo, a tornam misteriosa .

À criança que dorme chega leve ,
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve ,
Os seus cabelos de ouro acaricia -
E sonhos lindos, como ninguém teve ,
A sentir a criança principia .

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam :
Cavalos e soldados e bonecas ,
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam ,
E palhaços que tocam em rabecas.. .

E há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas.. .
Mas vem o dia, e, leve e graciosa ,
Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa .

Doze signos do céu o Sol percorre

Doze signos do céu o Sol percorre ,
E, renovando o curso, nasce e morre
Nos horizontes do que contemplamos .
Tudo em nós é o ponto de onde estamos .

Ficções da nossa mesma consciência ,
Jazemos o instinto e a ciência .
E o sol parado nunca percorre
Os doze signos que não há no céu .

Durmo, cheio de nada, e amanhã

Durmo, cheio de nada, e amanhã
é, em meu coração ,
Qualquer coisa sem ser, pública e vã
Dada a um público vão .

O sono! este mistério entre dois dias
Que traz ao que não dorme
À terra que de aqui visões nuas, vazias ,
Num outro mundo enorme .

O sono! que cansaço me vem da r
O que não mais me tra z
Que uma onda lenta, sempre a ressacar ,
Sobre o que a vida faz ? !

Durmo. Regresso ou espero?

Durmo. Regresso ou espero ?
Não sei. Um outro flu i
Entre o que sou e o que quer o
Entre o que sou e o que fui .

E a extensa e vária natureza é triste

E a extensa e vária natureza é triste Quando no vau da luz as nuvens passam.

É boa ! Se fossem malmequeres !

É boa ! Se fossem malmequeres !
E é uma papoula
Sozinha, com esse ar de "queres? "
Veludo da natureza tola .

Coitada !
Por ela
Saí da marcha pela estrada .
Não a ponho na lapela .

Oscila ao leve vento, muito
Encarnada a arroxear .
Deixei no chão o meu intuito .
Caminharei sem regressar .

O Louco

E fala aos constelados céus
De trás das mágoas e das grades
Talvez com sonhos como os meus . . .
Talvez, meu Deus!, com que verdades !

As grades de uma cela estreita

Separam-no de céu e terra.. .
Às grades mãos humanas deit a
E com voz não humana berra.. .

Eh, como outrora era outra a que eu não tinha !

Eh, como outrora era outra a que eu não tinha !
Como amei quando amei ! Ah, como eu vi a
Como e com olhos de quem nunca li a
Tinha o trono onde ter uma rainha .

Sob os pés seus a vida me espezinha .
Reclinando-te tão bem ? A tarde esfria.. .
Ó mar sem cais nem lado na maresia ,
Que tens comigo, cuja alma é a minha ?

Sob uma umbela de chá embaixo estamos E é súbita a lembrança Da velha Quinta e do espalmar
dos ramos Fecharam-me os olhos para toda a história ! Como sapos saltamos e erramos...

É Inda Quente

É inda quente o fim do dia.. .
Meu coração tem tédio e nada.. .
Da vida sobe maresia.. .
Uma luz azulada e fri a
Pára nas pedras da calçada.. .
Uma luz azulada e vag a
Um resto anônimo do dia.. .
Meu coração não se embriag a
Vejo como quem vê e divaga.. .
E uma luz azulada e fria .

E ou jazigo haja

E OU JAZIGO haja Ou sótão com pó. Bebê foi-se embora. Minha alma está só.

É uma brisa leve

É uma brisa leve
Que o ar um momento teve
E que passa sem te r
Quase por tudo ser .
Quem amo não existe .
Vivo indeciso e triste .
Quem quis ser já me esquece
Quem sou não me conhece .

E em meio disto o aroma
Que a brisa traz me assoma
Um momento à consciência
Como uma confiança .

E, ó vento vago

E, ó vento vago
Das solidões ,
Minha alma é um lago
De indecisões .

Ergue-a em ondas De iras ou de ais, Vento que rondas Os pinheirais!

Em outro mundo, onde a vontade é lei

Em outro mundo, onde a vontade é lei ,
Livrementemente escolhi aquela vida
Com que primeiro neste mundo entrei .
Livre, a ela fiquei preso e eu a pagar
Com o preço das vidas subsequentes
De que ela é a causa, o deus; e esses entes ,
Por ser quem fui, serão o que serei .

Por que pesa em meu corpo e minha mente
Esta miséria de sofrer ? Não foi
Minha culpa e a razão do que me dói .

Não tenho hoje memória, neste sonho
Que sou de mim, de quanto quis ser eu .
Nada de nada surge do medonho
Abismo de quem sou em Deus, do meu
Ser anterior a mim, a me dizer

Quem sou, esse que fui quando no céu ,
Ou o que chamam céu, pode querer .

Sou entre mim e mim o intervalo _
Eu, o que uso esta forma definida
De onde para outra ulterior resvala ,
Em outro mundo

Em toda a noite o sono não veio

Em toda a noite o sono não veio. Agora Raia do fundo Do horizonte, encoberta e fria, a manhã.
Que faço eu no mundo ? Nada que a noite acalme ou levante a aurora, Coisa séria ou vã. Com
olhos tontos da febre vã da vigília Vejo com horror O novo dia trazer-me o mesmo dia do fim Do
mundo e da dor _ Um dia igual aos outros, da eterna família De serem assim.

Nem o símbolo ao menos vale, a significação Da manhã que vem Saindo lenta da própria
essência da noite que era, Para quem Por tantas vezes ter sempre 'sperado em vão, Já nada 'spera.

Em torno ao candeeiro desolado

Em torno ao candeeiro desolado Cujos petroleiros alumia a vida, Paira uma borboleta, por
mandado Da sua inconsistência indefinida.

Enfia a agulha

Enfia a agulha ,
E ergue do col o
A costura enrugada .
Escuta : (volto a folh a
Com desconsolo) .
Não ouviste nada .

Os meus poemas, est e
E os outros que tenho _
São só a brincar .
Tu nunca os leste ,
E nem mesmo estranh o
Que ouças sem pensar .

Mas dá-me um certo agrad o
Sentir que tos lei o
E que ouves sem saber .
Faz um certo quadro .
Dá-me um certo enleio.. .
E ler é esquecer .

Entre o luar e o arvored o

Entre o luar e o arvored o ,
Entre o desejo e não pensa r
Meu ser secreto vai a med o
Entre o arvored o e o luar .
Tudo é longínquo, tudo é enredo .
Tudo é não ter nem encontrar .

Entre o que a brisa traz e a hora ,
Entre o que foi e o que a alma faz ,
Meu ser oculto já não chor a
Entre a hora e o que a brisa traz .
Tudo não foi, tudo se ignora .
Tudo em silêncio se desfaz .

Entre o sossego e o arvored o

ENTRE o sossego e o arvored o ,
Entre a clareira e a solidão ,
Meu devaneio passa o med o
Levando-me a alma pela mão .
É tarde já, e ainda é cedo .
[...]

Epitáfio Desconhecido

QUANTA mais alma ande no amplo informe ,
A ti, seu lar anterior, do fundo
Da emoção regressam, ó Cristo, e dorme m
Nos braços cujo amor é o fim do mundo .

Era isso mesmo

ERA ISSO mesmo -
O que tu dizias ,
E já nem fal o
Do que tu fazias.. .

Era isso mesmo.. .
Eras outra já ,
Eras má deveras ,
A quem chamei má.. .

Eu não era o mesm o
Para ti, bem sei .
Eu não mudaria ,
Não - nem mudarei.. .

Julgas que outro é outro .
Não: somos iguais .

Eram Varões Todos

ERAM VARÕES todos, Andavam na floresta Sem motivo e sem modos E a razão era esta.

E andando iam cantando O que não pude ser, Nesse tom mole e brando Como um anoitecer

Em que se canta quanto Não há nem é e dói E que tem disso o encanto De tudo quanto foi.

É um campo verde e vasto

É um campo verde e vasto, Sozinho sem saber, De vagos gados pasto, Sem águas a correr.

Só campo, só sossego, Só solidão calada. Olho-o, e nada nego E não afirmo nada.

Aqui em mim me exalço No meu fiel torpor. O bem é pouco e falso, O mal é erro e dor.

Agir é não ter casa, Pensar é nada Ter. Aqui nem luzes (?) ou asa Nem razão para a haver.

E um vago sono desce Só por não ter razão, E o mundo alheio esquece À vista e ao coração.

Torpor que alastra e excede O campo e o gado e os ver. A alma nada pede E o corpo nada quer.

Feliz sabor de nada, Inconsciência do mundo, Aqui sem porto ou estrada, Nem horizonte no fundo.

Eu

SOU LOUCO e tenho por memória Uma longínqua e infiel lembrança De qualquer dita

transitória Que sonhei ter quando criança.

Depois, malograda trajetória
Do meu destino sem esperança ,
Perdi, na névoa da noite inglória ,
O saber e o ousar da aliança .

Só guardo como um anel pobre
Que a todo herdeiro só faz rico
Um frio perdido que me cobre

Como um céu dossel de mendigo ,
Na curva inútil em que fico
Da estrada certa que não sigo .

Eu amo tudo o que foi

EU AMO TUDO o que foi ,
Tudo o que já não é ,
A dor que já me não dói ,
A antiga e errônea fé ,
O ontem que dor deixou ,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia .

Eu me resigno. Há no alto da montanha

Eu me resigno. Há no alto da montanha
Um penhasco saído ,
Que, visto de onde toda coisa é estranha ,
Deste vale escondido ,
Parece posto ali para o não termos ,
Para que, vendo-o ali ,
Nos contentemos só com o aí vermos
No nosso eterno aqui.. .

Eu me resigno. Esse penhasco agudo
Talvez alcançará o
Os que na força de irem põem tudo .
De teu próprio silêncio nulo e mudo ,
Não vás, meu coração .

Eu tenho idéias e razões

Eu tenho idéias e razões, Conheço a cor dos argumentos E nunca chego aos corações.

Exígua lâmpada tranqüila

Exígua lâmpada tranqüila, Quem te alumia e me dá luz, Entre quem és e eu sou oscila.

Falhei. Os astros seguem seu caminho

Falhei. Os astros seguem seu caminho .
Minha alma, outrora um universo meu ,
É hoje, sei, um lúgubre escaninho
De consciência sob a morte e o céu .
Falhei. Quem sou vivi só de supô-lo .
O que tive por meu ou por haver
Fica sempre entre um pólo e o outro pólo
Do que nunca há de pertencer .

Falhei. Enfim! Consegui ser quem sou ,
O que é já nada, com a lenha velha
Onde, pois valho só quando me dou ,
Pegarei facilmente uma centelha .

Fito-me frente a frente (I)

Fito-me frente a frente ,
Conheço que estou louco .
Não me sinto doente .
Fito-me frente a frente .

Evoco a minha vida .
Fantasma, quem és tu ?
Uma coisa erguida .
Uma força traída .

Neste momento claro, Abdique a alma bem !
Saber não ser é raro .
Quero ser raro e claro .

Fito-me frente a frente (II)

Fito-me frente a frente
E conheço quem sou .
Estou louco, é evidente ,
Mas que louco é que estou ?

É por ser mais poeta
Que gente que sou louco ?
Ou é por ter completa
A noção de ser pouco ?

Não sei, mas sinto morto O ser vivo que tenho. Nasci como um aborto, Salvo a hora e o tamanho.

Flui, indeciso na bruma

Flui, indeciso na bruma ,
Mais do que a bruma indeciso ,
Um ser que é coisa a achar

E a quem nada é preciso .

Quer somente consistir
No nada que o cerca ao ser ,
Um começo de existir
Que acabou antes de o Ter .

É o sentido que existe
Na aragem que mal se sente
E cuja essência consiste
Em passar incertamente .

Glosa

Minha alma sabe-me a antiga Mas sou de minha lembrança, Como um eco, uma cantiga.
Bem sei que isto não é nada, Mas quem dera a alma que seja O que isto é, como uma estrada.
Talvez eu fosse feliz Se houvesse em mim o perdão Do que isto quase que diz.
Porque o esforço é vil e vão, A verdade, quem a quis ? Escuta só meu coração.

Glosas

Toda a obra é vã, e vã a obra toda .
O vento vão, que as folhas vãs enroda ,
Figura nosso esforço e nosso estado .
O dado e o feito, ambos os dá o Fado .

Sereno, acima de ti mesmo, fita
A possibilidade eterna e infinita
De onde o real emerge inutilmente ,
E cala, e só para pensares sente .

Nem o bem nem o mal define o mundo .
Alheio ao bem e ao mal, do céu profundo
Suposto, o Fado que chamamos Deus
Rege nem bem nem mal a terra e os céus .

Rimos, choramos através da vida .
Uma coisa é uma cara contraída
E a outra uma água com um leve sal ,
E o Fado fada alheio ao bem e ao mal .

Doze signos do céu o Sol percorre ,
E, renovando o curso, nasce e morre
Nos horizontes do que contemplamos .
Tudo em nós é o ponto de onde estamos .

Ficções da nossa mesma consciência ,
Jazemos o instinto e a ciência .
E o sol parado nunca percorre u

Os doze signos que não há no cé u

Gnomos do luar que faz selvas

Gnomos no luar que faz selva s
As florestas sossegadas ,
Que sois silêncios nas relvas ,
E em aléas abandonada s
Fazeis sombras enganadas ,

Que sempre se a gente olh a
Acabastes de passa r
E só um tremor de folh a
Que o vento pode explica r
Fala de vós sem falar ,

Levai-me no vosso rastro ,
Que em minha alma quero se r
Como vosso corpo, um astr o
Que só brilha quando houve r
Quem o suponha sem ver .

Assim eu que canto ou chor o
Quero velar-me a partir .
Lembrando o que não memoro ,
Alguns me saibam sentir ,
Mas ninguém me definir .

Gostara, realmente

Gostara, realmente ,
De sentir com uma alma só ,
Não ser eu só tanta gent e
De muitos, meto-me dó .

Não Ter lar, vá. Não ter calm a
'Stá bem, nem ter pertence r
Mas eu, de ter tanta alma ,
Nem minha alma chego a ter .

Gradual, desde que o calor

Gradual, desde que o calor Teve medo, A brisa ganhou alma, à flor Do arvoredos.

Primeiro, os ramos ajeitara m
As folhas que há ,
Depois, cinzentas, oscilaram ,

E depois já

Toda a árvore era um movimento

E o fresco viera. Medita sem Ter pensamento ! Ignora e 'spera !

Gradual, desde que o calor

Grande sol a entrete r
Meu meditar sem se r
Neste quieto recinto.. .
Quanto não pude te r
Forma a alma com que sinto.. .

Se vivo é que perdi.. .
Se amo é que não amei.. .
E o grande bom sol ri.. .
E a sombra está aqu i
Onde eu sempre estarei.. .

Há uma música do povo

Há uma música do povo ,
Nem sei dizer se é um fad o
Que ouvindo-a há um ritmo nov o
No ser que tenho guardado.. .

Ouvindo-a sou quem seri a
Se desejar fosse ser.. .
É uma simples melodi a
Das que se aprendem a viver.. .

E ouço-a embalado e sozinho.. .
É isso mesmo que eu quis .. .
Perdi a fé e o caminho.. .
Quem não fui é que é feliz .

Mas é tão consolador a
A vaga e triste canção .. .
Que a minha alma já não chor a
Nem eu tenho coração .. .

Sou uma emoção estrangeira ,
Um erro de sonho ido.. .
Canto de qualquer maneir a
E acabo com um sentido !

Já ouvi doze vezes dar a hora

Já ouvi doze vezes dar a hor a
No relógio que diz que é meio di a
A toda a gente que aqui mora .
(O comentário é do Camões agora:)
«Tanto que espera! Tanto que confia! »
Como o nosso Camões, qualquer podi a

Ter dito aquilo, até outrora .

E ainda é uma grande coisa a ironia.

Há um frio e um vácuo no ar

Há um frio e um vácuo no ar. Stá sobre tudo a pairar, Cinzento-preto, o luar.

Luar triste de antemanhã De outro dia e sua vã Sperança e inútil afã.

É como a morte de alguém Que era tudo que a alma tem E que não era ninguém.

Ladram uns cães a distância

Ladram uns cães a distânci a
Cai uma tarde qualquer ,
Do campo vem a fragrânci a
De campo, e eu deixo de ver .

Um sonho meio sonhado ,
Em que o campo transparece ,
Está em mim, está a meu lado ,
Ora me lembra ou me esquece ,

E assim neste ócio profund o
Sem males vistos ou bens ,
Sinto que todo este mund o
É um largo onde ladram cães .

Lá fora onde árvores são

Lá fora onde árvores sã o
O que se mexe a para r
Não vejo nada senão ,
Depois das árvores, o mar .

É azul intensamente ,
Salpicado de luzir ,
E tem na onda indolent e
Um suspirar de dormir .

Mas nem durmo eu nem o mar ,
Ambos nós, no dia brando ,
E ele sossega a avançar
E eu não penso e estou pensando .

Leve no cimo das ervas

Leve no cimo das erva s
O dedo do vento roça.. .
Elas dizem-me que sim.. .
Mas eu já não sei de mi m

Nem do que queira ou que possa .

E o alto frio das erva s
Fica no ar a tremer.. .
Parece que me enganara m
E que os ventos me levara m
O com que me convencer .

Mas no relvado das ervas Nem bole agora uma só. Porque pus eu uma esperança Naquela inútil
mudança De que nada ali ficou?

Não: o sossego das ervas Não é o de há pouco já. Que inda a lembrança do vento Me as move no
pensamento E eu tenho porque não há.

Mais triste do que o que acontece

Mais triste do que o que acontec e
É o que nunca aconteceu .
Meu coração, quem o entristece ?
Quem o faz meu ?

Na nuvem vem o que escurec e
O grande campo sob o céu .
Memórias? Tudo é o que esquece .
A vida é quanto se perdeu .
E há gente que não enlouquece !
Ai do que em mim me chamo eu !

Mas eu, alheio sempre, sempre entrando

Mas eu, alheio sempre, sempre entrand o
O mais íntimo ser da minha vida ,
Vou dentro em mim a sombra procurando .

Mas o hóspede convidado

Mas o hóspede convidado Que mora no meu destino, Que não sei como é chegado, Nem de que
honras é dino. Constrange meu ser de casa A adaptações de disfarce.

Minha alma sabe-me a antiga

Minha alma sabe-me a antiga Mas sou de minha lembrança, Como um eco, uma cantiga.

Bem sei que isto não é nada, Mas quem dera a alma que seja O que isto é, como uma estrada.

Talvez eu tosse feliz Se houvesse em mim o perdão Do que isto quase que diz.

Porque o esforço é vil e vão, A verdade, quem a quis? Escuta só meu coração.

Minhas mesmas emoções

Minhas mesmas emoçõe s

São coisas que me acontecem .

Minha mulher, a solidão

Minha mulher, a solidão ,
Consegue que eu não seja triste .
Ah, que bom é o coração
Ter este bem que não existe !

Recolho a não ouvir ninguém ,
Não sofro o insulto de um carinho
E falo alto sem que haja alguém :
Nascem-me os versos do caminho .

Senhor, se há bem que o céu conceda
Submisso à opressão do Fado ,
Dá-me eu ser só - veste de seda- ,
E fala só - leque animado .

Na noite que me desconhece

Na noite que me desconhece
O luar vago, transparece
Da lua ainda por haver .
Sonho. Não sei o que me esquece ,
Nem sei o que prefiro ser .

Hora intermédia entre o que passa ,
Que névoa incógnita esvoaça
Entre o que sinto e o que sou ?
A brisa alheamento abraça .
Durmo. Não sei quem é que estou .

Dói-me tudo por não ser nada .
Da grande noite. embainhada
Ninguém tira a conclusão .
Coração, queres ?
Tudo enfada Antes só sintas, coração .

Não digas nada!

Não digas nada! Nem mesmo a verdade Há tanta suavidade em nada se dizer E tudo se entender -
Tudo metade De sentir e de ver... Não digas nada Deixa esquecer

Talvez que amanhã Em outra paisagem Digas que foi vã Toda essa viagem Até onde quis Ser
quem me agrada... Mas ali fui feliz Não digas nada.

Não quero rosas, desde que haja rosas.

Não quero rosas, desde que haja rosas .
Quero-as só quando não as possa haver .

Que hei-de fazer das coisa s
Que qualquer mão pode colher ?

Não quero a noite senão quando a aurora
A fez em ouro e azul se diluir .
O que a minha alma ignora
É isso que quero possuir .

Para quê?... Se o soubesse, não fari a
Versos para dizer que inda o não sei .
Tenho a alma pobre e fria.. .
Ah, com que esmola a aquecerei?... .

No Fim da chuva e do vento

No Fim da chuva e do vento Voltou ao céu que voltou A lua, e o luar cinzento De novo, branco, azulou.

Pela imensa 'stelação
Do céu dobrado e profundo ,
Os meus pensamentos vão
Buscando sentir o mundo .

Mas perdem-se como uma onda
E o sentimento não sonda
O que o pensamento vale
Que importa? Tantos pensaram
Como penso e pensarei .

O abismo é o muro que tenho

O abismo é o muro que tenho Ser eu não tem um tamanho.

O Amor

O amor, quando se revela ,
Não se sabe revelar .
Sabe bem olhar p'ra ela ,
Mas não lhe sabe falar .

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de *dizer .
Fala: parece que mente
Cala: parece esquecer

Ah, mas se ela adivinhasse ,
Se pudesse ouvir o olhar ,
E se um olhar lhe bastasse
Pr'a saber que a estão a amar !

Mas quem sente muito, cala ;

Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala ,
Fica só, inteiramente !

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar ,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar.. .

O céu de todos os invernos

O céu de todos os invernos
Cobre em meu ser todo o verão.. .
Vai p'ras profundas dos infernos
E deixa em paz meu coração !

Por ti meu pensamento é triste ,
Meu sentimento anda estrangeiro ;
A tua idéia em mim insiste
Como uma falta de dinheiro .

Não posso dominar meu sonho .
Não te posso obrigar a amar .
Que hei de fazer? Fico tristonho .
Mas a tristeza há de acabar .
Bem sei, bem sei.. .

A dor de coração
Mas não fui eu que lho chamei .
Amar-te causa-me transtorno ,
Lá que transtorno é que não sei.. .

Ridículo? É claro. E todos ?
Mas a consciência de o ser ,
fi-la bastante clara deitando-a a rodos
Em cinco quadras de oito sílabas .

O meu coração quebrou-se

O meu coração quebrou-se Como um bocado de vidro Quis viver e enganou-se...

O ruído vário da rua

O ruído vário da rua
Passa alto por mim que sigo .
Vejo: cada coisa é sua .
Oíço: cada som é consigo .

Sou como a praia a que invade
Um mar que torna a descer .
Ah, nisto tudo a verdade

É só eu ter que morrer .

Depois de eu cessar, o ruído .
Não, não ajusto nada
Ao meu conceito perdido
Como uma flor na estrada .

O som do relógio

O som do relógio
Tem a alma por fora ,
Só ele é a noite
E a noite se ignora .

Não sei que distância Vai de som a som Peguando, no tique, Do taque do tom.

Mas oiço de noite A sua presença Sem ter onde acoite Meu ser sem ser.

Parece dizer Sempre a mesma coisa Como o que se senta E se não repousa.

Outros terão

Outros terão
Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo .
A inteira, negra e fria solidão
Está comigo .

A outros talvez
Há alguma coisa quente, igual, afim
No mundo real. Não chega nunca a vez
Para mim .

"Que importa? "
Digo, mas só Deus sabe que o não creio .
Nem um casual mendigo à minha porta
Sentar-se veio .

"Quem tem de ser? "
Não sofre menos quem o reconhece .
Sofre quem finge desprezar sofrer
Pois não esquece .

Isto até quando ?
Só tenho por consolação
Que os olhos se me vão acostumando
À escuridão .

Parece às vezes que desperto

Parece às vezes que desperto
E me pergunto o que vivi ;
Fui claro, fui real, é certo ,

Mas como é que cheguei aqui ?

A bebedeira às vezes dá
Uma assombrosa lucidez
Em que como outro a gente está .
Estive ébrio sem beber talvez .

E de aí, se pensar, o mundo
Não será feito só de gente
No fundo cheia de este fundo
De existir clara e èbriamente ?

Entendo, como um carrocel ;
Giro em meu torno sem me achar.. .
(Vou escrever isto num papel
Para ninguém me acreditar...)

Parece que estou sossegando

Parece que estou sossegando
'Starei talvez para morrer .
Há um cansaço novo e brando
De tudo quanto quis querer .

Há uma surpresa de me achar
Tão conformado com sentir .
Súbito vejo um rio
Entre arvoredo a luzir .

E são uma presença certa
O rio, as árvores e a luz .

Pela rua já serena

Pela rua já serena
Vai a noite
Não sei de que tenho pena ,
Nem se é pena isto que tenho.. .

Pobres dos que vão sentindo
Sem saber do coração !
Ao longe, cantando e rindo ,
Um grupo vai sem razão.. .

E a noite e aquela alegre
E o que medito a sonhar
Formam uma alma vazia
Que paira na orla do ar.. .

Poemas dos Dois Exílios

Paira no ambíguo destinar-se

Paira no ambíguo destinar-s e
Entre longínquos precipícios ,
A ânsia de dar-se preste a dar-s e
Na sombra vaga entre suplícios ,

Roda dolente do parar-s e
Para, velados sacrifícios ,
Não ter terraços sobre errar-s e
Nem ilusões com interstícios ,

Tudo velado, e o ócio a ter-s e
De leque em leque, a aragem fin a
Com consciência de perder-se.. .

Tamanha a flama e pequenin a
Pensar na mágoa japones a
Que ilude as sirtes da Certeza .

Dói viver, nada sou que valha ser.

Dói viver, nada sou que valha ser .
Tardo-me porque penso e tudo rui .
Tento saber, porque tentar é ser .
Longe de isto ser tudo, tudo flui .

Mágoa que, indiferente, faz viver .
Névoa que, diferente, em tudo influi .
O exílio nado do que fui seque r
Ilude, fixa, dá, faz ou possui .

Assim, noturno, a árias indecisas ,
O prelúdio perdido traz à ment e
O que das ilhas mortas foi só brisas ,

E o que a memória análoga dedic a
Ao sonho, e onde, lua na corrente ,
Não passa o sonho e a água inútil fica .

Análogo começo

Análogo começo .
Uníssonos me peço .
Gaia ciência o assomo —
Falha no último tomo .

Onde prolixo ameaço Paralelo transpasso O entreaberto haver Diagonal a ser.

E interlúdio vernal, Conquista do fatal, Onde, veludo, afaga A última que alaga.

Timbre do vespertino. Ali, carícia, o hino O utonou entre preces, Antes que, água, começas.

Doura o dia. Silente, o vento dura

Doura o dia. Silente, o vento dura .
Verde as árvores, mole a terra escura ,
Onde flores, vazia a álea e os bancos .
No pinal erva cresce nos barrancos .
Nuvens vagas no pérfido horizonte .
O moinho longínquo no ermo monte .
Eu alma, que contempla tudo isto ,
Nada conhece e tudo reconhece .
Nestas sombras de me sentir existo ,
E é falsa a teia que tecer me tece .

Por quem foi que me trocaram

Por quem foi que me trocaram
Quando estava a olhar pra ti ?
Pousa a tua mão na minha
E, sem me olhares, sorri .

Sorri do teu pensamento
Porque eu só quero pensar
Que é de mim que ele está feito
É que tens para me dar .

Depois aperta-me a mão
E vira os olhos a mim.. .
Por quem foi que me trocaram
Quando estás a olhar-me assim ?

Qual é a tarde por achar

Qual é a tarde por achar
Em que teremos todos razão
E respiraremos o bom ar
Da alameda sendo verão ,

Ou, sendo inverno, baste 'star
Ao pé do sossego ou do fogão ?
Qual é a tarde por voltar ?
Essa tarde houve, e agora não .

Qual é a mão cariciosa
Que há de ser enfermeira minha —
Sem doenças minha vida ousa —
Oh, essa mão é morta e osso .. .
Só a lembrança me acarinhava
O coração com que não posso .

Quanta mais alma ande no amplo informe

Quanta mais alma ande no amplo informe A ti, seu lar anterior, do fundo Da emoção regressam,
ó Cristo, e dormem Nos braços cujo amor é o fim do mundo.

Que suave é o ar! Como parece

Que suave é o ar! Como parec e
Que tudo é bom na vida que há !
Assim meu coração pudess e
Sentir essa certeza já .

Mas não; ou seja a selva escur a
Ou seja um Dante mais diverso ,
A alma é literatur a
E tudo acaba em nada e verso .

Relógio, morre

Quem vende a verdade, e a que esquina ?
Quem dá a hortelã com que temperá-la ?
Quem traz para casa a menin a
E arruma as jarras da sala ?

Quem interroga os baluarte s
E conhece o nome dos navios ?
Dividi o meu estudo inteiro em parte s
E os títulos dos capítulos são vazios.. .

Meu pobre conhecimento ligeiro ,
Andas buscando o estandarte eloqüent e
Da filarmônica de um Barreir o
Para que não há barco nem gente .

Tapeçarias de parte nenhum a
Quadros virados contra a parede .. .
Ninguém conhece, ninguém arrum a
Ninguém dá nem pede .

Ó coração epitélico e macio ,
Colcha de crochê do anseio morto ,
Grande prolixidade do navi o
Que existe só para nunca chegar ao porto .

Se alguém bater um dia à tua porta

Se alguém bater um dia à tua porta ,
Dizendo que é um emissário meu ,
Não acredites, nem que seja eu ;
Que o meu vaidoso orgulho não comport a
Bater sequer à porta irreal do céu .

Mas se, naturalmente, e sem ouvi r

Alguém bater, fores a porta abri r
E encontrares alguém como que à esper a
De ousar bater, medita um pouco. Esse er a
Meu emissário e eu e o que comport a
O meu orgulho do que desespera .
Abre a quem não bater à tua port a

Se tudo o que há é mentira

Se tudo o que há é mentir a
É mentira tudo o que há .
De nada nada se tira ,
A nada nada se dá .

Se tanto faz que eu suponh a
Uma coisa ou não com fé ,
Suponho-a se ela é risonha ,
Se não é, suponho que é .

Que o grande jeito da vida
É pôr a vida com jeito .
Fana a rosa não colhid a
Como a rosa posta ao peito .

Mais vale é o mais valer ,
Que o resto ortigas o cobre m
E só se cumpra o deve r
Para que as palavras sobrem .

Sim, tudo é certo logo que o não seja

Sim, tudo é certo logo que o não seja. Amar, teimar, verificar, descrer. Quem me dera um sossego
à beira-ser Como o que à beira-mar o olhar deseja.

Sonhei, confuso, e o sono foi disperso

Sonhei, confuso, e o sono foi disperso ,
Mas, quando dispertei da confusão ,
Vi que esta vida aqui e este univers o
Não são mais claros do que os sonhos sã o

Obscura luz paira onde estou convers o
A esta realidade da ilusã o
Se fecho os olhos, sou de novo imers o
Naquelas sombras que há na escuridão .

Escuro, escuro, tudo, em sonho ou vida ,
É a mesma mistura de entre-sere s
Ou na noite, ou ao dia transferida .

Nada é real, nada em seus vãos movere s

Pertence a uma forma definida ,
Rastro visto de coisa só ouvida .

Sossega, coração! Não desespere!

Sossega, coração! Não desespere !
Talvez um dia, para além dos dias ,
Encontres o que queres porque o queres .
Então, livre de falsas nostalgias ,
Atingirás a perfeição de seres .

Mas pobre sonho o que só quer não tê-lo !
Pobre esperança a de existir somente !
Como quem passa a mão pelo cabelo
E em si mesmo se sente diferente ,
Como faz mal ao sonho o concebê-lo !

Sossega, coração, contudo! Dorme !
O sossego não quer razão nem causa .
Quer só a noite plácida e enorme ,
A grande, universal, solente pausa
Antes que tudo em tudo se transforme .

Sou o Espírito da treva

Sou o Espírito da treva, A Noite me traz e leva;

Moro à beira irreal da Vida, Sua onda indefinida

Refresca-me a alma de espuma... Pra além do mar há a bruma...

E pra quem? há Causa ou Fim? Nunca olhei para trás de mim...

Tenho esperança? Não tenho.

Tenho esperança? Não tenho .
Tenho vontade de a ter ?
Não sei. Ignoro a que venho ,
Quero dormir e esquecer .

Se houvesse um bálsamo da alma ,
Que a fizesse sossegar ,
Cair numa qualquer calma a
Em que, sem sequer pensar ,

Pudesse ser toda a vida ,
Pensar todo o pensamento -
Então [...]

Tenho pena até... nem sei. . .

Tenho pena até... nem sei. . . Do próprio mal que passei Pois passei quando passou.

Todas as cousas que há neste mundo

Todas as cousas que há neste mundo
Têm uma história ,
Excepto estas rãs que coaxam no fundo
Da minha memória .

Qualquer lugar neste mundo tem
Um onde estar ,
Salvo este charco de onde me vem
Esse coaxar .

Ergue-se em mim uma lua falsa
Sobre juncais ,
E o charco emerge, que o luar realça
Menos e mais .

Onde, em que vida, de que maneira
Fui o que lembro
Por este coaxar das rãs na esteira
Do que deslembro ?

Nada. Um silêncio entre juncos dorme .
Coaxam ao fim
De uma alma antiga que tenho enorme
As rãs sem mim .

Uma maior solidão

Uma maior solidão Lentamente se aproxima Do meu triste coração.

Enevoa-se-me o ser Como um olhar a cegar, A cegar, a escurecer.

Jazo-me sem nexo, ou fim... Tanto nada quis de nada, Que hoje nada o quer de mim

...Vaga História

...Vaga História comezinha
Que, pela voz das vozes, era a minha.. .
Quem sou eu? Eles sabem e passaram .

Vendaval

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio, Não achas, soprando por tanta solidão, Deserto, penhasco,
coval mais vazio Que o meu coração!

Indômita praia, que a raiva do oceano
Faz louco lugar, caverna sem fim ,
Não são tão deixados do alegre e do humano
Como a alma que há em mim !

Mas dura planície, praia atra em fereza ,

Só têm a tristeza que a gente lhes vê
E nisto que em mim é vácuo e tristez a
É o visto o que vê .

Ah, mágoa de ter consciência da vida !
Tu, vento do norte, teimoso, iracundo ,
Que rasgas os robles - teu pulso divid a
Minh'alma do mundo !

Ah, se, como levas as folhas e a areia ,
A alma que tenho pudesses levar -
Fosse pr'onde fosse, pra longe da idéi a
De eu ter que pensar !

Abismo da noite, da chuva, do vento ,
Mar torvo do caos que parece volver -
Porque é que não entras no meu pensament o
Para ele morrer ?

Horror de ser sempre com vida a consciência !
Horror de sentir a alma sempre a pensar !
Arranca-me, é vento; do chão da existência ,
De ser um lugar !

E, pela alta noite que fazes mais'scura ,
Pelo caos furioso que crias no mundo ,
Dissolve em areia esta minha amargura ,
Meu tédio profundo .

E contra as vidraças dos que há que têm lares ,
Telhados daqueles que têm razão ,
Atira, já pária desfeito dos ares ,
O meu coração !

Meu coração triste, meu coração ermo ,
Tornado a substância dispersa e negad a
Do vento sem forma, da noite sem termo ,
Do abismo e do nada !

Vou com um passo como de ir parar

Vou com um passo como de ir parar Pela rua vazia Nem sinto como um mal ou mal-'star A vaga
chuva fria...

Vou pela noite da indistinta ru a
Alheio a andar e a se r
E a chuva leve em minha face nu a
Orvalha de esquecer .. .

Sim, tudo esqueço.Pela noite so u
Noite també m

E vagaroso eu ...] vou ,
Fantasma de magia .

No vácuo que se forma de eu ser e u
E da noite ser trist e
Meu ser existe sem que seja me u
E anônimo persiste .. .

Qual é o instinto que fica esquecido
Entre o passeio e a rua ?
Vou sob a chuva, amargo e diluído
E tenho a face nua .